

# A COMPREENSÃO CRÍTICA DA OBRA DE ARTE DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL.

**MELO, Simone Sypriano F. de<sup>1</sup>, OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de<sup>2</sup>.  
Orientador: Ronaldo Alexandre de Oliveira (Prof<sup>o</sup> Dr.)**

<sup>1</sup>UNIVAP/ISE, Rua José Cobra, 302 Apt<sup>o</sup> 52 C, Pq Industrial, São José dos Campos/SP, monemelo@directnet.com.br

<sup>2</sup>UNIVAP/ISE, Rua São Diego, n<sup>o</sup>. 601 Apt<sup>o</sup> 22 B, jd. Califórnia, Jacareí/SP. roliv@univap.br.

**Resumo-** Este artigo tem o propósito de difundir dados oriundos de uma pesquisa/ação, que se propôs a investigar e intervir na maneira como é concebido e desenvolvido o estudo da obra de arte na Educação Infantil, assim como verificar o papel que a obra de arte tem ocupado nesse espaço, uma vez que ainda encontramos um ensino tecnicista e reprodutivista, onde a contextualização da obra de arte e a vivência do aluno pouco é considerada. Consoante as experiências vivenciadas ao longo desse estudo, compreende-se que cada criança tem uma maneira diferente de interpretar o mundo e que a obra de arte contribui para essa compreensão também de maneira diferente, pois cada um tem sua experiência de mundo. Este estudo possibilitou o resgate da cultura e das vivências de cada aluno através da contextualização da obra de arte, tornando assim um ensino com um olhar mais crítico e significativo.

**Palavras-chave:** leitura da obra de arte; Contextualização; Compreensão Crítica; Ensino significativo.

**Área do Conhecimento:** Lingüística, Letras e Artes

## Introdução

Este artigo objetiva difundir resultados de uma pesquisa de final de curso de graduação, que buscou compreender e intervir no ensino da arte, onde a leitura da obra de arte ocupou lugar central. Parte-se do estudo da arte como disciplina, como área de conhecimento, com conteúdos e objetivos próprios e o seu ensino sendo capaz de possibilitar a compreensão desta área permitindo que a criança explore, observe, valorize e participe com suas vivências, compreendendo assim a arte com um novo olhar onde esteja presente a descoberta, a criatividade e o senso crítico. Acredita-se numa postura crítica para o ensino da arte, que nem sempre a história nos mostrou no seu desencadear, trazemos marcas de um ensino tecnicista no Brasil, o qual se originou na década de 70, onde encontramos o que podemos chamar de aprendizagem mecânica e reprodutivista, pois mantêm-se a preocupação com o caráter técnico, com a reprodução e não com o processo num todo, Ferraz (1999) defende a seguinte idéia:

Faz parte desse contexto tecnicista o uso abundante de recursos tecnológicos e audiovisuais, sugerindo uma “modernização do ensino”. Nas aulas de arte, os professores enfatizam um “saber construir” reduzido aos seus aspectos técnicos e ao uso de materiais diversificados (sucatas, por exemplo), e um “saber exprimir-se” espontaneísta, na maioria dos casos caracterizando poucos compromissos com o conhecimento das linguagens Artísticas. (FERRAZ, 1999, p.32).

É na esteira desta lógica que muitas contribuições incorporaram-se ao ensino de arte no Brasil na tentativa de fomentar um ensino onde a repetição não estivesse presente, mas sim a criação, um aluno/sujeito construtor e não copista como foi tão praticado ao longo da história do ensino de arte no Brasil. Uma das grandes contribuições é atribuída a Ana Mae Barbosa, (2001) onde propõe um ensino fundado em três eixos: a leitura da obra de arte; o fazer artístico e a história da arte. A princípio foi denominado de Metodologia Triangular e posteriormente passou a ser Proposta Triangular, onde compreende estas três dimensões, sendo que o eixo da história da arte, a própria autora dá neste momento mais ênfase na denominação de Contextualização. O ensino de arte ganhou muito com a chegada dos artistas e com suas obras nas salas de aulas, embora as práticas tem utilizado a obra quase sempre como a única possibilidade do aluno criar, a chamada releitura. Se pensarmos em termos de uma educação tecnicista que vigorou e em alguns casos ainda vigora no ensino de arte no Brasil, acreditamos que a Proposta Triangular trouxe grandes contribuições para o ensino de arte, pois ela acabou por colocar a obra da arte dentro da sala de aula e isso possibilitou que um número muito maior de indivíduos passasse a ter contato com o universo artístico. Questiona-se é a forma como a obra de arte tem sido utilizada no momento do fazer artístico e também da leitura da imagem, pois o fazer artístico extremamente vinculado com a obra estudada e uma idéia equivocada de releitura acabou-se por criar muitas cópias da imagem, e o professor

acreditando nesta produção como algo original. Mesmo nas situações de apreciação, o que acabou por vigorar era ou é uma decodificação mecânica dos elementos da linguagem visual, isto é: a leitura da cor, de formas, da textura, da luz, etc., distanciando assim a obra de arte estudada do seu contexto. Nesse sentido nos apropriamos das propostas de Franz (2003) e Hernández (1998, 2000) que propõem uma educação contextualizada e crítica a fim de tornar o ensino de arte algo compreendido e significativo para quem está aprendendo. É comum ocorrer nas escolas, quando há um estudo das obras de arte, o culto à beleza da obra, é como se fosse um ritual, primeiro mostra-se a obra, depois todos a admiram, louvando-a e depois a copiam de uma maneira totalmente tecnicista e reprodutivista. Compreender a arte é dar significado, isto é feito através da interpretação, apreciação e construção, mas é comum hoje em dia, dizer que compreender ou dar significados criticando a obra de arte é um papel somente de historiadores ou críticos, porém se esquecem que a obra de arte passa a ser um objeto de estudos nas escolas, portanto é um objeto de crítica do professor também.

Partindo desta idéia, entendemos que a obra de arte não é um produto individual e sim um universo onde o indivíduo (no caso o aluno) pode expressar-se. Também não pode ser vista somente como objeto de apreciação, mas como prática social e cultural que deve ser compreendida. Franz (2003) estrutura um referencial para realizar estudos em torno de obras de arte e este referencial pressupõe cinco diferentes âmbitos que se inter-relacionam, a saber:

- **Âmbito histórico/antropológico:** As obras de arte são frutos de determinados contextos que, se por um lado os produzem, por outro os legitimam. Para compreender a obra de arte de maneira crítica reflexiva e complexa, é necessário ir além do que se vê na obra, a vida da sociedade. Nessa relação, ficam explicitados, os pontos de conexão entre os significados da obra e a tradição: valores, costumes, crenças, idéias políticas e religiosas que a geraram.
- **Âmbito estético/artístico:** Faz referência à compreensão da arte como produto de sistemas de representação do universo artístico, historicamente instituídas, convalidadas e aceitas por determinados grupos sociais. Tais produtos são códigos simbólicos, referências culturais, construídos ao longo do tempo. O artista serve-se dessas tradições e as conjuga à sua maneira.
- **Âmbito biográfico:** Os professores de arte devem valorizar a relação pessoal dos

alunos com a produção artística, considerando o impacto das obras na construção de identidades, formando valores e crenças, construindo visões sobre a realidade e trabalhando no sentido de resgatar a unidade entre história e sujeito. Não se trata de negar os conteúdos, mas de torná-los essencialmente significativos para os alunos, conectando o que aprendem na escola com a sua vida, valorizando o envolvimento, o afeto, a autogestão etc...

- **Âmbito crítico/social:** A arte- educação pós-moderna é essencialmente crítica. Compreender a arte como objeto cultural significa situá-la no campo das ciências sociais e humanas, relacionando os significados da obra à vida dos educandos.
- **Âmbito Pedagógico:** Este âmbito é voltado ao educador, trata-se do trabalho que ele tem que fazer antes de iniciar a leitura da imagem com os alunos, pois cabe a ele saber as possibilidades educativas da imagem; o que podem os alunos aprenderem sobre ela e como ensinar a compreender criticamente a arte tendo aquela determinada imagem como ponto de partida. Isto requer uma atenção por parte dos educadores em relação ao que podemos ensinar e aprender com obras de arte.

Acreditamos que este referencial é de extrema importância para o ensino de arte, uma vez que ele possibilita ir além do mero exercício formal da imagem, pois ele traz o contexto de onde ela foi produzida e valoriza o contexto do aluno. Salientamos ainda a importância da problematização nos estudos com obras de arte, viés este que fundamentamos em Hernandez (1998), quando ele nos traz a idéia de uma ação docente centrada nos projetos de trabalho.

### **Materiais e Métodos**

Esta pesquisa foi desenvolvida numa escola particular de Educação Infantil, em São José dos Campos com crianças de 5 e 6 anos. Contou-se com a participação de cerca de doze crianças num conjunto de oito encontros com duração de dois meses de trabalho ao todo. Trabalhou-se na intervenção com a idéia de projetos de trabalho, sendo esse entendido como um vir a ser e não como um método, um planejamento, ou algo previamente estabelecido. A pesquisa teve um caráter bibliográfico e também de intervenção, onde evidencia-se uma possibilidade de pensar a intervenção como um caminhar mútuo, que não pode ser resumido numa relação entre a teoria e a prática, entre o sujeito e o objeto de pesquisa, mas vai além, nessa intervenção o processo ocorre

através de uma mediação, da criação, da identificação de hipóteses que favoreçam um aprendizado e um conhecimento mais amplo, pois todo conhecer é um fazer.

## Resultados

Ao todo foram realizados 8 encontros onde as crianças aprenderam a pesquisar trazendo para a sala de aula um resgate cultural, suas vivências, suas famílias, o próprio artista - o pintor Adão Silvério (na condição de artista local/regional - São José dos Campos) e principalmente através das brincadeiras na qual o ensino da arte na escola foi levado à uma compreensão crítica sem extrair o prazer, o lúdico que é a magia da Educação Infantil.

Em todos os encontros realizados houve participação e envolvimento por parte das crianças, que por sua vez abandonaram o papel passivo de quem recebe tudo pronto e passaram a dar suas contribuições efetivas e também de minha parte, pois o professor tem que intervir, mediar, pesquisar colocar-se também no lugar de aprendiz, deixando de ser a única fonte de informação, a pessoa que sabe tudo, chamamos estes nossos encontros de aulas/intervenções. A cada aula propúnhamos uma atividade diferente para que fossem explorados diversos materiais, diversos espaços (algumas aulas foram realizadas ao ar livre), diversos pintores e diferentes obras de arte, mas todas relacionadas com o tema criança, infância e brincadeiras para chegarmos a uma resposta à nossa pergunta inicial. Franz (2003, p.37), defende a seguinte idéia: “não podemos pensar seriamente no ensino da arte, enquanto se mantenha a ênfase no fazer artístico e na concepção de que a arte como objeto cultural é irrelevante”.

Partindo desta idéia, entendemos que o aluno ao ter contato com a obra de arte, pode resgatar em sua memória conhecimentos que já possui, construindo ainda outros novos baseados em sua vivência, sempre sendo levados à investigar, pois quando o aluno participa deste processo de investigação, de coletas de dados, de construção, sem dúvida, o resultado será : observar a obra de arte com um novo olhar, com uma compreensão crítica.

À partir da análise da experiência vivenciada em sala de aula e de reflexões sobre a minha prática pedagógica e de todas aquelas que vieram com a construção dessa pesquisa, numa tentativa de compreender como se estrutura um projeto recorremos à Hernández (1998, p.89), que afirma que: “um projeto implica situar-se num processo não acabado, em que um tema, uma proposta, um desenho esboça-se, refaz-se, relaciona-se, explora-se e se realiza”. É algo que é um vir a ser e não um planejamento, onde nos

leva a considerar com quem iremos trabalhar, o que irá acontecer a cada proposta para que nunca se torne algo fechado e acabado, por isso trabalhou-se muito com as previsões de etapas. O trabalho com projetos trouxe a incorporação da pluralidade de conhecimentos presente na sociedade transformando nossa sala de aula num espaço de vivências culturais reais e significativas.

## Discussão

Partindo do pressuposto que o tecnicismo que advém do passado se faz ainda presente nas salas de aulas e é levado a sério por muitos educadores, acredita-se que estruturar uma pesquisa nas concepções de projeto torna-se algo mais significativo para os alunos, pois possibilita uma compreensão e construção mais crítica do conhecimento.

Uma vez que os alunos tenham contato com a obra de arte, conheçam um pouco sobre o artista, o contexto e as condições onde foi inserida, sem dúvida eles serão estimulados a pensar, inventar, e manifestar seus sentimentos e principalmente seu senso de criticidade aprimorando também sua Linguagem Visual e conseqüentemente compreendendo a arte com um olhar mais apurado.

Para tanto, inserimos como eixo dessa pesquisa um pergunta a ser respondida no decorrer do projeto: Por que as crianças vivem e brincam de diferentes maneiras? Essa idéia de se trabalhar com uma problematização, de certa forma deixa de lado a questão da determinação, do que é estabelecido e proporciona uma abertura a situações novas de construção dos saberes onde a criança passa a socializar seus conhecimentos. Desta maneira os encontros foram estruturados de forma a responder esta questão ao longo do projeto.

O primeiro encontro surgiu à partir de perguntas feitas pelos próprios alunos durante uma roda de conversa e através destas perguntas outras foram surgindo e o interesse em pesquisar sobre esse universo contagiou a todos na sala de aula. As perguntas foram feitas de uma maneira simples, por exemplo: Como as crianças de outros lugares ou países vivem? Do que elas gostam de brincar? Quais brincadeiras as crianças de antigamente faziam? Com essa problematização criou-se espaço para a curiosidade, para indagações das crianças, questões estas que se tornaram o propósito da investigação, pois problematizar corresponde a construir coletivamente questões que acompanharão o grupo em todo o seu percurso e servirá de referência para debates, discussões e reflexões. Sendo assim as crianças puderam conhecer a história da própria cultura e de outras, pois durante

a roda de conversa discutimos, trocamos informações e nos organizamos para os futuros encontros. Uma das fontes de pesquisa que me chamou muito a atenção foi trazida por um aluno na qual trouxe um depoimento de sua mãe sobre o tempo que estiveram passando na Alemanha. O relato, as fotos trazidas, as histórias vivenciadas durante o tempo que ficou neste outro país foi de grande contribuição para o nosso projeto de trabalho, pois a participação, o envolvimento da família com a escola é muito importante para a construção do conhecimento, o aluno sem dúvida só tem a ganhar com essa relação, não só aquele que traz, que socializa a informação, mas para o coletivo da sala de aula, e isso desmistifica um pouco a idéia do que seja pesquisar, para muitos pesquisa é somente abrir uma revista e recortar o que se está à procura ou então só se pesquisa nos livros. Pesquisar é poder ir além, resgatar algo que um dia também foi vivenciado e trazê-lo em forma de depoimento, de informação.

## Conclusão

Podemos perceber através dos dados e das intervenções oriundas desta pesquisa que a idéia de projeto como um vir-a-ser é algo que depende que o professor desapegue-se de marcas, amarras que ele traz na sua formação, pois, por mais que teoricamente o envolvimento do aluno esteja previsto no planejamento, muitas vezes acabamos adiantando esse processo e não permitimos que o aluno observe, descubra, pois no afã de terminar, de acabar, de termos o tão esperado produto pronto, terminado, não permitimos a construção do conhecimento de uma forma significativa para o aluno. Podemos perceber também a complexidade da obra de arte, pois saímos de uma dimensão formalista e entramos no campo da interdisciplinaridade, onde foi possível ver a obra de maneira contextualizada por diferentes ângulos.

Acredita-se que os dados desta pesquisa possam contribuir de forma significativa para o desenvolvimento de projetos de trabalho, onde a obra de arte esteja presente numa dimensão que possibilite a construção e a formação de um olhar crítico, através da observação, apreciação, e principalmente da contextualização, pois toda obra de arte pertence a um contexto histórico, este por sua vez traz as marcas do tempo em que foi produzida e também o observador imprime suas marcas no momento em que a observa.

## Referências

BARBOSA, A. M. A imagem no ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva, 2001.134 p.

FRANZ, T. S. Educação para uma compreensão crítica da arte. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003. 318 p.

\_\_\_\_\_. O significado de uma interpretação crítica de uma obra de arte. Revista Pátio. Porto Alegre, v.7,n.28, p. 50 – 53, nov2003/jan2004.

FUSARI, M. F.R.; FERRAZ, M. H. C. Metodologia do ensino de arte. São Paulo: Cortez, 1999,135 p.( Coleção Magistério. 2º grau. Série Formação de professores).

HERNÁNDEZ, F. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 261 p.

\_\_\_\_\_. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artes Médica, 2000. 150 p.